

UM JEITO PRÓPRIO DE SE COMUNICAR

"E aí, véi? Cê tá ligado no show que rolou durante o aniversário de Brasília? Oxe! Foi de rocha, mulequel". Alguns leitores podem não entender o significado completo das frases anteriores, mas com certeza todo mundo que mora em Brasília já ouviu estas expressões. De acordo com linguistas e especialistas no assunto, ainda deve demorar outros 45 anos para o Distrito Federal ter um sotaque próprio, mas, mesmo assim, os brasilienses já apresentaram um jeito de falar específico.

Esse jeitinho candango se caracteriza justamente pela ausência de sotaque. "Está se formando aqui uma fala sem marcas regionais, que se aproxima muito da linguagem utilizada pelos apresentadores de telejornais", diz a professora titular de linguística da Universidade de Brasília, Stella Maris Bortoni-Ricardo. Desde a década de 80, ela vem realizando pesquisas e orientando alunos sobre os fatores que mar-

cam a fala de Brasília.

Stella Maris afirma que, apesar de termos influências mais diretas de estados, como Minas Gerais, Goiás e Nordeste, a tendência predominante é a de não encontrar muitas marcas semelhantes a de outras regiões na fala do cidadão de Brasília. "Quando ouvimos o brasiliense falar, é difícil identificar de onde ele vem", exemplifica.

Ainda assim é bem provável que neste processo de formação de uma característica própria, venham a ter influência alguns falares regionais – o que já ocorre com o "oxe" do Nordeste, ou o "uai" de Minas, expressões bastante utilizadas pela população jovem de Brasília.

"Acredito que em 40 ou 50 anos teremos um falar de Brasília que virá junto com uma cultura brasiliense", afirma Stella Maris. Outras expressões que têm sido identificadas pela população como tipicamente candangas são

determinadas gírias, como "véio" e "baú". Mas a professora Stella Maris faz questão de frisar que ainda não existem estudos científicos que comprovem o assunto.

As gírias são expressões que se caracterizam por serem limitadas ao tempo. Elas vêm e vão. Algumas se tornaram representativas dos moradores do Distrito Federal ao longo dos anos. O skatista Francisco Peçanha Neto diz que o pessoal de outros estados percebe a diferença. "Principalmente quando vamos para Goiânia a galera nota que a gente fala diferente", conta Francisco.

O rapper Alex de Souza, mais conhecido como Hadda, conta que esta diferença não existe apenas entre as tribos, mas também é marcante entre os moradores do Plano Piloto e os do Entorno. "O pessoal do Plano utiliza gírias como 'fi' (diminutivo de filho), que nós não utilizamos aqui. Na periferia a gente fala coisas como 'oxe marrapaz'. Outra expressão

é 'de rocha', que significa puro, verdadeiro", diz Hadda.

O jovem morador do Lago Norte Bruno Pennacchio concorda. "Cada um fala de um jeito diferente". Entretanto, ressalta que há gírias universais. Ele se controla para não soltar uma gíria durante o trabalho e confessa que já se surpreendeu com seu pai falando "véio".

Outro desdobramento desta história falada é a quantidade de sinônimos que nascem para um mesmo termo. A dançarina de break Fabiana Balduino Freitas conta que já ouviu três diferentes expressões para designar uma menina que transa sempre no primeiro encontro: "rasga balde, pé de cahorro e piriguet". Na opinião de Hadda tudo isto é sinal de que Brasília já possui uma cultura própria. Ele ainda explica qual é esta cultura. "Brasília é uma mistura brasileira no quadradinho cercado de Goiás. Uma eterna festa das Nações".